



Rui Brum Ávila

## Escritos em tempo de pandemia (III)

# “A relíquia arqueológica dos Açores”

Qualquer povo ao determinar a vontade de ocupação de um determinado território define como sua primeira demanda a água e a sua localização, este bem essencial da vida.

Não foi diferente quando Fernão Álvares Evangelho, primeiro povoador desta ilha, e os restantes colonos aqui chegaram, ao Pico, entrando pela zona do Castelete, lugar da Maré na Vila das Lajes por volta de 1460.

Com vontade e determinação, este povoador logo começou por percorrer esta zona das Lajes, desbravando intensamente uma densa vegetação que cobria toda esta plataforma e encosta onde é actualmente a Vila das Lajes e a Ribeira do Meio. Muita dessa vegetação era composta por grandes árvores de cedros e teixos o que condicionava grandemente a própria orientação nessa floresta, que se estendia desde a orla costeira às encostas dos montes e cabeços.

Mesmo assim, Fernão Álvares Evangelho, lentamente, percorreu toda essa zona chegando às margens de uma grande ribeira onde, por origem divina ou não, a água corria abundantemente devido à intensa chuva que tinha assolado aquela zona por umas horas. Decidiu então fixar-se nesse mesmo espaço à vista da abundância de água e terrenos verdejantes sinónimos de fertilidade.

Junto às margens dessa ribeira constrói então um pequeno abrigo em troncos de madeira após o que começa a desbravar e limpar a terra construindo pequenos socalcos no terreno para o conseguir trabalhar e lançar naquele terreno as primeiras sementes.

Com o passar dos anos o abrigo envolve para uma singela casa de pedra basáltica coberta com folhas e ramos de colmo.

Ali permaneceu durante toda a sua vida ao invés dos restantes colonos preferiram fixar as suas raízes na zona da plataforma das Lajes onde os terrenos eram mais planos.

No entanto, a criação de espaço habitável e arável não parou. Trilharam-se os primeiros caminhos e trilhos facilitando a mobilidade entre a terra e o Homem.

Foi nesse período, entre 1460 e 1502 que se construiu a ponte sobre o leito da ribeira escolhida para lar pelo nosso primeiro povoador. Executada com a justaposição de pedras, com três pilares nos quais assentam lajes de pedra, que formam o tabuleiro da ponte integrando o antigo caminho chamado “Caminho dos ilhéus”. Essa ponte tomou o nome do seu primeiro habitante, Ponte Fernão Álvares Evangelho.

Temos por exemplo um Alvará do 1º Capitão Donatário do Faial e 2º da ilha do Pico, Jos d’Utra, passado em 24 de Mar-



ço de 1502 no qual escreve: “... para que ninguém lavasse da Ponte de Fernão Álvares para cima onde passa o Caminho do Suro que vai ter à Almagreira, sob pena de cada vez que for achado pague duzentos reis para o Concelho.” Este documento atesta com certeza a existência dessa ponte e do seu nome.

No final do século XIX, passou a ser conhecida por Ribeira da Burra sem registo documental que o justifique, e é esse o nome que mantém até aos dias de hoje, fazendo quase desaparecer assim o seu nome histórico ligado a uma área por si só com uma carga histórico-cultural da máxima relevância para a origem do povo picaroto. Verificamos ainda que, anos mais tarde, com a construção de uma nova ponte, o nome de Ribeira da Burra é mantido e não é tido em conta o nome histórico da antiga ponte.

Mesmo assim, esta ponte é uma das estruturas mais antigas construída pelo homem nesta ilha e umas das mais antigas dos Açores que ainda sobrevive apesar da passagem dos séculos.

Junto ao leito dessa ribeira, na margem esquerda ainda se vêem ruínas de uma antiga construção em pedra de basalto com uma portada, que segundo os “ditos” de várias gerações, é definida por ser a casa do primeiro povoador.

Em 2001, para a celebração dos 500 anos do Município das Lajes do Pico, o Prof. José Hermano Saraiva cá realizou uma conferência. Ao visitar esta ponte e esta área afirmou, “trata-se do monumento arqueológico mais impressionante dos Açores”.

Mais de 500 anos passados lá está a ponte, ainda de pé, enfrentando todas as tormentas que assolam a nossa terra desde que do fundo do mar se ergueu esta ilha, suportando água que corre, água que chove e água que invade, com uma alma de titã no seu humilde tamanho e aspecto. Até quando ninguém sabe...

Infelizmente, este reconhecido monumento não está classificado como Monumento ou Imóvel Classificado de Interesse Patrimonial e Histórico apesar de toda a sua história.

Há muito que é devido a este espaço respeito pela sua história. As entidades locais e regionais poderiam, pelo menos, proceder a uma limpeza daquela área da ponte e da vereda que lhe dá acesso. Um simples arranjo paisagístico com uma placa informativa a marcar e a dignificar este local. As ruínas devem ser recuperadas e a habitação ao lado, que está abandonada, ser reconvertida num pequeno Centro Interpretativo, pois foi aqui que o Picaroto nasceu, um guerreiro da perseverança em terreno inóspito, e a teimosia de um povo em vingar onde nada havia. O concelho das Lajes do Pico celebra 520 anos de existência como município para o próximo ano, como seria interessante se a celebração desta data fosse assinalada com a sua recuperação ou pelo menos com o início da mesma pela autarquia Lajense.

Ficaria registado e preservado o local do nosso nascimento, para além de mostrar a quem vem visitar a nossa ilha como crescemos, como fomos e como somos, o berço do nosso Pico.